

Suplemento Cultural

‘O Primeiro Vampiro’, um romance cinematográfico [breves considerações sobre obra e autor]

RUBENIO MARCELO – poeta/
escritor, crítico literário e secretário-geral da ASL

Da autoria do médico e escritor Ewerton Carvalho, publicado pela Editora Novo Século, chega à nossa capital o romance ‘O Primeiro Vampiro’, livro que será lançado em 17/08, 19h, na Livraria Leitura, Shopping Campo Grande.

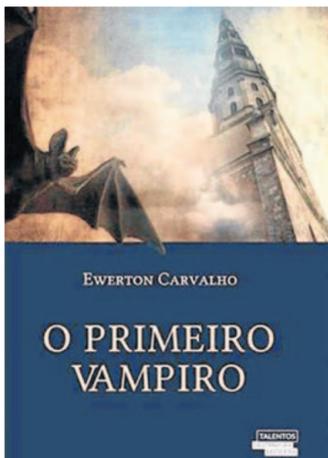
Envolta num universo fantástico e permeada de surpresas/suspenses e aventuras, a história, que viceja em ares medievais, tem início no ano 1169 da era cristã, quando, numa noite enluarada, numa floresta distante, nasce, ‘sob os olhos de uma coruja’, o personagem principal da obra: Ohri Pandur Maw, que – tendo perdido a sua jovem mãe no parto – foi criado pela sua mística parteira.

Todo o conjunto (76 capítulos) do livro emociona. Além da caracterização diversificada do *locus*, o enredo desenvolve-se num rol bem dosado de fascinantes cenas timbradas em ações de ecléticos personagens. A saga do protagonista Ohri P. MaW (‘Wampirho’) passa por terras e águas, vales e florestas, castelos e cavernas, opressões, desditas, conflitos, segredos e mistérios, privações e provações, tragédias e dores, reencontros e libertações, e a busca contínua da verdade e da paz...

Em narrativa ficcional envolvente, Ewerton esbanja criatividade, provando que está afinado com aquela assertiva freudiana: “o fantástico é a interioridade que aflora e se desenvolve”. Assim, numa atmosfera enigmática entre o racional e o insólito, entre o palpável e o sobrenatural, ele encadeia, com dinamismo, do início ao fim, episódios e eventos em constantes movimentos, atraindo até o mais distraído leitor, situando o também nas searas do mítico e do onírico.

Diferenciado e original, gestado em fecunda dialética razão-imaginação, avesso ao óbvio, este ‘O Primeiro Vampiro’ não se caracteriza por ‘esparcir terror’ – o sobressalto que nos vem desta inédita epopeia é aquele ‘susto’ agradável: próprio do nível emocional das belas leituras. É um romance de estrea impressionante.

Natural de Natal (RN), Ewerton



O TÍTULO E O DESENHO DA CAPA
DESPERTAM A CURIOSIDADE DO LEITOR

Carvalho residiu por 25 anos no RJ, onde estudou Cardiologia. Atualmente, é radicado em Campo Grande, exercendo a medicina. Para conhecermos um pouco mais da obra e autor, reproduzo, a seguir, trechos de recente entrevista que fiz com ele:

Rubénio Marcelo – como aconteceu o seu primeiro encontro com a escrita? Por qual vertente caminhou seus rebentos literários pioneiros? **Ewerton Carvalho:** *lembro de minha tia e professora ter me apresentado ao Peter Pan aos 4 anos, adorava ler e ver o Capitão Gancho lutar com o Peter Pan; além de Monteiro Lobato (Reinações de Narizinho). Depois veio a Ilha Perdida, clássico da literatura infantil, aos 8. Nesta época, a professora pediu uma composição e a minha foi escolhida como uma das melhores da sala.*

RM – o que você mais destaca na concepção de uma obra literária? Que força o incita a escrever? **Ew. C:** *acho importante a originalidade. É frequente algo fazer sucesso e logo em seguida o surgimento dos clones tal qual erva daninha em terreno sem jardineiro. A minha criação é incitada pelas ideias que surgem do vento... não sei bem de onde elas vêm (às vezes ao assistir a um filme, ler uma notícia, uma história, observar uma situação).*

RM – como acontece o seu processo de criação? Há algum ‘ritual de escrita’? **Ew. C:** *no momento em que uma*

“

Em narrativa ficcional envolvente, Ewerton esbanja criatividade, provando que está afinado com a assertiva freudiana: ‘o fantástico é a interioridade que aflora e se desenvolve’”

ideia surge, ela precisa ser captada, ou nunca mais (na maioria das vezes) eu a verei. Depois eu escrevo as bases e depois começam as pesquisas e estas retroalimentam as ideias.

RM – como surgiu a inspiração para escrever ‘O Primeiro Vampiro’? Qual a principal mensagem? **Ew. C:** *uma ideia surgiu como uma semente que foi alimentada. Podemos saber quantas sementes há dentro de uma fruta, mas jamais quantas frutas existem dentro de uma semente. Mensagem deste livro: nossas escolhas definem nosso futuro.*

RM – qual a sua maior satisfação ao escrever este livro? **Ew. C:** *foram as coincidências que encontrei ao longo da escrita e o fato de ter conseguido associar o desejo de escrever uma história com começo, meio e final e com coerência na junção das ideias. Uma das coincidências: existem vários nomes que definiam os seres tidos vampiros. Eles têm origem no eslavo arcaico e um deles é ‘Obiri’ (a semelhança com ‘Ohri’ é enorme).*

RM – a sua formação como médico cardiologista exerce influência no mister de escritor? **Ew. C:** *a medicina me ajudou ao escrever sobre doenças, com coerência.*

RM – há algum outro empreendimento literário sendo desenvolvido por você? **Ew. C:** *tenho mais dois livros prontos em fase de revisão e mais de 30 ideias formatadas.*

POESIAS

A HIPOCRISIA

A hipocrisia, a sicária

De aparência jovial...

A quem abraça sorrindo

Nas costas crava um punhal!

Se atira a pedra, maldosa,

Esconde a mão perigosa

E vem a chaga pensar...

Seu ideal – é o tormento,

Escopo – o fingimento,

Seu lema – sempre enganar!

RUBENS DE CASTRO

TUDO É AMOR

Às vezes, pensando, eu fico,
Nesse cismar me dedico
A indagar de onde eu vim
Sem saber para onde vou,

Mas eu mesmo me respondo:
Vim do AMOR, vou para o AMOR.

Vim do AMOR dos meus pais
Que não morre jamais,
Vou para o AMOR de meus filhos
Nesse eterno estribilho
De que tudo é AMOR
Numa constante de PAZ.

PAZ é AMOR
AMOR é PAZ.

JÚLIO GUIMARÃES

ROMPIMENTO

Vim deixar tuas cartas, teus retratos,
Flores já murchas e cartões-postais.
Estas tuas cartas úmidas de extratos,
A um pobre coração que amou demais.

E este relógio de ouro que me deste,
Que se presente assim tu não tiveste,
Tiveste o afeto de um sincero ardor.

Devolvo-te, a despeito dos maus tratos,
Estes presentes que não quero mais.
E há de lembrar de mim, nos entreatos,
Lendo os meus versos tão sentimentais.

Toma o relógio que ficou parado,
Talvez de dor, talvez envergonhado
De haver marcado as horas deste amor!

ALTEVIR ALENCAR

A maravilha de ser Ulisses

ANTONIO LOPES LINS

Um dia, a pedido do mestre, levei meu livro para Ulisses Serra ler. Escrevera-o há trinta anos, mas continuava indeciso sobre se devia publicá-lo. Havia páginas realistas, vivas demais para gostos puritanos e eu tinha medo de ser mal interpretado, julgado um escritor em busca de sucesso através da licenciosidade.

Ulisses leu o livro, em dez dias telefonou-me. Que eu fosse à sua casa, pois ele estava gripado e “se via obrigado a renunciar à satisfação de procurar-me em minha residência”.

Fui lá e recebi-me com aquela sua generosidade característica, a alma aberta, um sorriso animador nos lábios. Veio um refrigerante, falou-se do tempo e da Academia, que era a menina de seus olhos. Somente quinze a vinte minutos depois, quando a palestra caiu, ele foi buscar os originais e me disse, incisivo:

- Refunda-o no seu estilo atual e publique-o. Fará sucesso.

- Não gostou da maneira como foi feito? – Indaguei.

- Não é bem isso, cada época tem seu estilo, influências. Enquanto o tempo passa, ganhamos concepções novas e nos adaptamos, na difícil tarefa da comunicação. Já imaginou como seria o diálogo entre um intelectual Cícero e um desses discípulos de Marcuse, cabeludo e revoltado, dos dias de hoje?

- E quanto às primeiras páginas, às descrições vivas do drama de Aretusa, acha que devo deixar, cortar ou amenizar?

- Você viu alguma pornografia ali?

- Absolutamente não. A não ser que o amor físico seja julgado pornográfico.

- Você o enfeitou, para provocar erotismo?

- Não. Conto-o como a própria protagonista me contou, natural e humano!

- Então não mude nada. A mim me pareceu assim. Santo Agostinho

já dizia que aquilo que Deus criou não pode causar escândalo aos homens. Deixe-o como está, apenas atualize o colorido. Pode fazer mesmo, no seu livro, um pouco desse lirismo gostoso que é sua maior característica.

Nasceu, assim, meu romance “Caminho de Lama”. Ulisses Serra deu-me o roteiro para o sucesso do livro, incentivou-me, encorajou-me, como já o fizera quando eu pretendi lançar-me candidato a deputado e como fazia com todas as coisas daqueles que o procuravam para um conselho ou um incentivo.

Não me esqueço nunca que Ulisses veio de São Paulo, onde se encontrava e trouxe um sobrinho apenas para votar em mim, porque me incentivara e acreditava que eu seria um bom representante do povo.

Era um homem simples, despretensioso, de uma humanidade comovedora. Literato de raça e estirpe, com o dom inato da comunicação, sabia fazer-se entender, com seus gestos, suas palavras, suas lapidadas páginas escritas. Comunicava-se também pela linguagem universal do coração, por aquela bondade inata que enchia volumes, criava e alimentava amizades e dedicações.

Como tabelião, sempre teve em mira personalizar os trabalhos mais simples, buscando os meios de torná-los acessíveis à bolsa de seus clientes, mais perfeitos e mais rápidos. Aconselhava sobre os meios de cumprir rotinas e sempre que era necessário interferia, através de suas muitas amizades, no sentido de reparar uma distorção, abreviar ou corrigir.

Homens como Ulisses Serra vêm ao mundo com a missão de aperfeiçoar a humanidade, dar exemplos, lançar sementes, criar escola. Nossa Academia foi uma semente, uma escola e um exemplo. É a casa de Ulisses, onde esperamos que seu espírito encontre guarida e se conserve, para todo o sempre, com toda a sua grandeza e sua maravilhosa bondade.

POESIA GREGA – VERSOS COM ESTILO

ENILDA MOUGENOT PIRES

“Palavras diluídas na fumaça do tempo/Como se lívida tarde bordada num lençol.” Extraídos do poema intitulado Poesia grega (Editora UCDB), de Fernando d’André, esses versos estranhos – evocando uma história que se pressente tumultuada, íntima e terrível – contêm por si mesmos a originalidade e a aventura de um poeta que encontra, nos caminhos luminosos, a poesia de dimensões noturnas.

Ambientado em regiões etéreas, o poema é composto de quarenta estrofes e quatrocentos e seis versos. Trata-se de um canto ao “silêncio refletido na paisagem” e no som de Louis Armstrong – “Sinais gravados na rocha, nossa memória estelar.”

Esse tecido cósmico – assim denominado pela escritora Raquel Naveira – sugere o “silêncio de bronze/A solidão dos silêncios geométricos/O silêncio dos ventos repousando em cada palavra.”

Lá onde floridas flechas nascem sob o sol, e no encanto das águas bordadas de sete estrelas, ele se deixa levar docemente pelas delícias refletidas nos cabelos da amada.

Em versos de musicalidade lírica e singular, D’André confessa arebatamentos e quedas da alma, transpondo seus sentimentos em impressões e sensações através de paisagens nostálgicas e requintadas. Aos poetas como ele, resta o efêmero, os mitos indecifráveis, as metáforas etéreas, porque lhes interessa compor “um mosaico calêndrico/De sol e lua e estrelas abstratas./Um mosaico de estilhaços/Fragmentos da memória nos quebra-cabeças do tempo.” Ele mesmo confessa:

Viajo no tempo
Artífice do meu pensamento.
Viajo no tempo

No cavalo alado de Belerofonte.
É esplendente a paisagem vista do bonde transcendental.

E para que serve a poesia? Para trazer de volta a fada verde – amor desvanecido, que levita “sobre uma floresta aromada/pêndulo oscilando na órbita infinda”. Versos místicos marcam essa contemplação solitária:

Perfume de esfinge
A tua voz no campo dos ciprestes.
Névoa e nuvem
Oliva e nudez
A tua voz de vento no campo dos ciprestes.

Surge a amada postulada em seus versos: “Basta ouvir o murmúrio dos álamos/E sei que tu vens.” Desinteressado pela realidade objetiva, sua poesia simbolista afasta-se das referências concretas, instaurando uma atmosfera vaga, misteriosa e indefinida. O poeta então alcança o absoluto estético:

Iluminam-se as águas e a relva.
Sussurram as pedras pastorelas minerais.
Sei que tu vens trazendo o azul da manhã radiosa;
Já sinto o teu perfume nas folhas e na luz.

E como se vê, o poema é rico em conotações. Portanto deve ser lido observando-se as sugestões, a musicalidade e o estado emotivo do poeta. A realidade descrita é expressa de maneira vaga, nebulosa, imprecisa. Trata-se da autobiografia de um amor que navega em segredo na alma: “Ainda não sabes que sou o teu amor.” Ou seria a poesia que de algum lugar profundo ao poeta clamava?